

UM CAVALHEIRO EM MOSCOU

AMOR TOWLES

Um cavaleiro em Moscou

TRADUÇÃO DE RACHEL AGAVINO



Copyright © 2016 por Cetology, Inc. Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

A Gentleman in Moscow

PREPARAÇÃO

Maria Paula Autran

Marina Góes

REVISÃO

Rafaella Lemos

Taís Monteiro

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA

Nayon Cho

IMAGEM DE CAPA

Rodney Smith

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T671u

Towles, Amor, 1964-
Um cavalheiro em Moscou / Amor Towles ; tradução Rachel
Agavino. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.
464 p. ; 23 cm.

Tradução de: A gentleman in Moscow
ISBN 978-85-510-0271-1

1. Ficção americana. I. Agavino, Rachel. II. Título.

17-46249

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Stokley e Esmé

MOSCOU c. 1922



Como me lembro bem

Quando chegou como um visitante a pé
E morou um tempo entre nós
Uma melodia com feições de um gato da montanha.

Bem, onde está nosso propósito agora?

Como a tantas perguntas
Eu respondo a essa
Com um olhar atento porém discreto.

Com uma reverência desejo boa-noite
E atravesso portas de terraços
Para os esplendores simples
Das amenidades de outra primavera;

Mas de uma coisa eu sei:

Não está perdido entre as folhas de outono na Praça de São Pedro.
Não está entre as cinzas das borralheiras do Ateneu.
Não está dentro dos pagodes azuis de sua *Chinoiserie*.

Não está nos alforjes de Vronski;
Nem no Soneto XXX, estrofe um;
Não em vinte e sete vermelhos...

Onde está agora? (Linhas 1-19)
Conde Aleksandr Ilitch Rostov
1913

21 de junho de 1922

APRESENTAÇÃO DO CONDE ALEKSANDR ILITCH ROSTOV
PERANTE A COMISSÃO DE EMERGÊNCIA DO CONSELHO DO
COMISSARIADO DO POVO PARA ASSUNTOS INTERNOS

Presidentes: Camaradas V. A. Ignatov, M. S. Zakóvski,
A. N. Kosarev

Promotor: A. Y. Vichinski

Promotor Vichinski: Apresente-se.

Rostov: Conde Aleksandr Ilitch Rostov, condecorado com a
Ordem de Santo André, membro do Jockey Club, Mestre de
Caça.

Vichinski: Pode ficar com seus títulos; eles não são mais
úteis a ninguém. Mas, para que fique registrado, você
é Aleksandr Rostov, nascido em São Petersburgo, a 24 de
outubro de 1889?

Rostov: Sou.

Vichinski: Antes de começarmos, devo apontar que não me
recordo de já ter visto uma túnica adornada com tantos
botões.

Rostov: Obrigado.

Vichinski: Não foi um elogio.

Rostov: Nesse caso, exijo reparações em um duelo por minha
honra.

[*Risos.*]

Secretário Ignatov: Silêncio na galeria.

Vichinski: Qual é o seu endereço atual?

Rostov: Suíte 317 do Hotel Metropol, Moscou.

Vichinski: Há quanto tempo mora lá?

Rostov: É minha residência desde 5 de setembro de 1918.
Pouco menos de quatro anos.

Vichinski: E sua ocupação?

Rostov: Não convém a cavalheiros ter ocupações.

Vichinski: Muito bem, então. Como emprega seu tempo?

Rostov: Com jantares e debates. Leitura e reflexão. O imbróglgio de sempre.

Vichinski: E você escreve poesia?

Rostov: Sou conhecido por minha habilidade com a pena.

Vichinski: [*Erguendo um panfleto*] Você é o autor deste longo poema de 1913: *Onde está agora?*

Rostov: Ele foi atribuído a mim.

Vichinski: Por que escreveu o poema?

Rostov: Ele demandou ser escrito. Sucedeu-me estar sentado à tal mesa à tal manhã em que ele escolheu fazer suas demandas.

Vichinski: E onde foi isso exatamente?

Rostov: No salão sul em Idlehour.

Vichinski: Idlehour?

Rostov: A propriedade Rostov em Níjni Novgorod.

Vichinski: Ah, sim. Claro. Muito apropriado. Mas vamos voltar nossa atenção para o seu poema. Escrito como foi, nos anos mais repressivos após a revolta fracassada de 1905, muitos o consideraram um chamado à ação. Concorde com essa avaliação?

Rostov: Toda poesia é um chamado à ação.

Vichinski: [*Verificando anotações*] E foi na primavera do ano seguinte que você deixou a Rússia e foi para Paris...?

Rostov: Creio ter lembranças de florações nas macieiras. Então, sim, por todos os indícios, era primavera.

Vichinski: Dia 16 de maio, para ser exato. Agora compreendemos os motivos de seu exílio autoimposto; até nos solidarizamos com as ações que levaram à sua fuga. O que nos preocupa aqui é o seu regresso em 1918. Vale perguntar se voltou com a intenção de pegar em armas e, em caso afirmativo, a favor ou contra a Revolução.

Rostov: Àquele ponto, receio que meus dias de pegar em armas já haviam ficado para trás.

Vichinski: Por que voltou?

Rostov: Senti saudade do clima.

[*Risos.*]

Vichinski: Conde Rostov, você não parece compreender a gravidade de sua situação nem demonstra o respeito que é devido aos homens reunidos à sua frente.

Rostov: A tsarina fez as mesmas queixas sobre mim em sua época.

Ignatov: Procurador Vichinski, se me permite..

Vichinski: Secretário Ignatov.

Ignatov: Não tenho dúvidas, Conde Rostov, que muitos na galeria ficam surpresos ao descobrir o seu inesgotável charme; contudo, de minha parte, não estou nem um pouco surpreso. A história mostrou que o charme é a ambição última da classe ociosa. Mas acho surpreendente que o autor do poema em questão possa ter se tornado um homem tão obviamente sem propósito.

Rostov: Vivi com a impressão de que o propósito de um homem só é conhecido por Deus.

Ignatov: De fato. Quão conveniente isso foi para você.

[*O Conselho entra em recesso por doze minutos.*]

Ignatov: Aleksandr Ilitch Rostov, levando em plena consideração o seu próprio testemunho, só podemos concluir que o espírito perspicaz que escreveu o poema *Onde está agora?* sucumbiu irrevogavelmente às perversões de sua classe e agora representa uma ameaça aos mesmos ideais que uma vez abraçou. Com base nisso, nossa inclinação é retirá-lo desta câmara e conduzi-lo ao paredão de fuzilamento. Mas há aqueles nos altos escalões do Partido que o têm entre os heróis pré-revolucionários da causa. Por conseguinte, é opinião deste conselho que você deve retornar ao hotel de que tanto gosta. Mas não se engane:

se voltar a pôr os pés fora do Metropol, será baleado.
Próximo assunto.

Com as assinaturas de

V. A. Ignatov

M. S. Zakóvski

A. N. Kosarev

LIVRO UM

1922

Alojamento

Em 21 de junho de 1922, às seis e meia, quando o Conde Aleksandr Ilitch Rostov foi conduzido pelos portões do Kremlin até a Praça Vermelha, o dia estava belo e fresco. Endireitando os ombros para trás sem interromper o ritmo da caminhada, o Conde inspirou o ar como um fôlego novo após um mergulho. O céu estava do azul para o qual os domos da catedral de São Basílio foram pintados. Seus verdes, dourados e rosa cintilavam como se o único propósito de uma religião fosse alegrar sua Divindade. Até mesmo as meninas bolcheviques proseando diante das vitrines das Lojas de Departamento Estaduais pareciam vestidas para celebrar os últimos dias da primavera.

— Olá, meu bom homem — disse o Conde a Fiódor, à beira da praça. — Vejo que as amoras chegaram cedo este ano!

Sem dar ao assustado vendedor de frutas tempo para responder, o Conde continuou a andar a passos apressados, seus bigodes untados se eriçando como o abrir de asas de uma gaiivota. Passando pelo Portão da Ressurreição, ele virou as costas para os lilases do Jardim de Alexandre e avançou em direção à Praça dos Teatros, onde o Hotel Metropol se erguia em toda a sua glória. Quando chegou ao umbral, o Conde deu uma piscadela a Pavel, o porteiro da tarde, e estendeu uma das mãos para os dois soldados atrás dele ao se virar.

— Obrigado, cavalheiros, por me encaminharem em segurança. Não terei mais serventia para seus préstimos.

Embora corpulentos, ambos os soldados tiveram que olhar por sob o quepe para retribuir o olhar do Conde, pois, como as dez gerações de homens Rostov, ele tinha 1,90 metro de altura.

— Siga em frente — disse o mais bruto, com a mão na coronha do rifle. — É nosso dever encaminhá-lo até seus aposentos.

No saguão, o Conde deu um largo aceno para cumprimentar simultaneamente o imperturbável Arkadi (que estava trabalhando na recepção) e a doce Valentina (que espanava uma estatueta). Embora já os tivesse saudado dessa forma uma centena de vezes, ambos responderam com os olhos arre-

galados. Era o tipo de recepção esperada por alguém que chega sem calças a um jantar.

Ao passar pela menina com predileção por amarelo, a qual lia uma revista em sua poltrona favorita do saguão, o Conde se deteve de forma abrupta diante dos vasos de palmeiras para falar com seus acompanhantes.

— O elevador ou a escada, cavalheiros?

Os soldados trocaram um olhar que então rumou ao Conde e voltou a se encontrar, aparentemente incapazes de decidir.

Como se espera que um soldado triunfe no campo de batalha, pensou o Conde, se ele não alcança sequer uma decisão sobre como subir a um andar?

— A escada — determinou em nome deles o Conde, e então subiu os degraus de dois em dois, como tinha por hábito desde a academia.

No terceiro andar, o Conde percorreu o tapete vermelho do corredor em direção a sua suíte, composta por quarto, banheiro, sala de jantar e salão nobre interligados, além de janelas de 2,5 metros de altura com vista para as tílias da Praça dos Teatros. E lá, a dureza do dia aguardava. Pois que diante das portas abertas de seus aposentos estava a postos um capitão de guarda junto a Pacha e Petia, os mensageiros do hotel. Os dois rapazes encontraram constrangidos o olhar do Conde, claramente recrutados para uma tarefa que consideravam indecorosa. O Conde dirigiu-se ao oficial:

— O que significa isso, capitão?

O capitão, que parecia levemente surpreso com a pergunta, era bem treinado para manter a imperturbabilidade de seu semblante.

— Estou aqui para lhe mostrar seu alojamento.

— *Este é meu alojamento.*

Deixando transparecer o mais leve indício de sorriso, o capitão respondeu:

— Não mais, receio.

Deixando Pacha e Petia para trás, o capitão levou o Conde e a escolta para uma escada de serviço escondida atrás de uma porta imperceptível na área comum do hotel. A subida mal iluminada contornava uma quina acentuada a cada cinco degraus, à semelhança de um campanário. Percorreram três lances espiral acima até onde uma porta se abria para um corredor estreito que servia a um banheiro e seis quartos, os quais remetiam a celas monásticas.

Esse sótão fora originalmente construído para abrigar os mordomos e criadas dos hóspedes do Metropol, mas quando o hábito de viajar com empregados saiu de moda, os quartos não utilizados foram reivindicados por urgências eventuais e seus caprichos e, desde então, armazenavam pedaços de madeira, móveis quebrados e outras variedades de entulho.

Mais cedo naquele dia, o quarto mais próximo da escada tinha sido esvaziado, exceto por uma cama de ferro fundido, uma escrivaninha de três pernas e uma década de poeira. No canto perto da porta havia um armário pequeno, quase uma cabine telefônica, que fora largado ali à revelia. Emparelhado ao ângulo do telhado, o teto pendia em inclinação gradual à medida que se afastava da porta, de modo que o único lugar onde o Conde podia ficar de pé rente à parede dos fundos era no ponto em que a lucarna acomodava uma janela do tamanho de um tabuleiro de xadrez.

Os dois guardas olharam presunçosos do corredor, e o bom capitão explicou que convocara os mensageiros para ajudar o Conde a transferir os poucos pertences que seu novo alojamento acomodaria.

— E o restante?

— Torna-se propriedade do Povo.

Então esse é o jogo deles, pensou o Conde.

— Muito bem.

Após retornar ao pé do campanário, ele caminhou aos saltos enquanto os guardas se apressaram atrás dele, seus rifles tamborilando contra a parede. No terceiro andar, marchou pelo corredor até sua suíte, para onde os dois mensageiros olharam com expressão de lamento.

— Está tudo em ordem, companheiros — assegurou-lhes o Conde. Então começou a apontar: — Isto. Aquilo. Aqueles. *Todos* os livros.

Entre os móveis destinados a seu novo alojamento, o Conde escolheu duas cadeiras de espaldar alto, a mesa de centro oriental de sua avó e o conjunto de pratos de porcelana favorito dela. Escolheu também dois abajures de ébano em formato de elefante e o retrato de sua irmã, Helena, que Serov pintara durante uma breve estada em Idlehour em 1908. Não esqueceu a valise de couro que tinha sido criada especialmente para ele pela Asprey em Londres e que seu bom amigo Michka tinha tão apropriadamente batizado de O Embaixador.

Alguém tinha feito a gentileza de levar para o quarto do Conde um de seus baús de viagem. Então, enquanto os mensageiros subiam com os itens

mencionados, o Conde encheu o baú com roupas e objetos pessoais. Ao observar que os guardas olhavam as duas garrafas de conhaque no aparador, o Conde também as jogou lá dentro. E depois que o baú foi transportado escada acima, ele enfim apontou para a mesa secretária.

Os dois mensageiros, com os uniformes azul-vivos já empapados por causa do esforço, seguraram-na pelos cantos.

— Mas pesa uma tonelada — disse um deles ao colega.

— Um rei se fortifica com um castelo, e um cavaleiro, com uma mesa secretária — observou o Conde.

Enquanto os mensageiros a arrastavam para o corredor, o relógio do avô de Rostov, fadado a ser deixado para trás, badalou, triste, as oito horas. Havia muito o capitão voltara para o seu posto, e os guardas, que trocaram sua beligerância pelo tédio, agora se recostavam à parede e deixavam a cinza do cigarro cair no chão de parquet enquanto, no salão nobre, derramava-se a irrefreável luz do solstício de verão de Moscou.

Com um olhar melancólico, o Conde se aproximou das janelas ao canto noroeste da suíte. Quantas horas ele tinha passado diante delas? Em quantas manhãs, vestido em seu robe e segurando o café, tinha observado os recém-chegados a São Petersburgo desembarcarem de seus táxis, fartos e exauridos da viagem no trem noturno? Em quantas noites de inverno tinha visto a neve cair lentamente, enquanto uma silhueta solitária, baixa e robusta passava sob um poste de rua? Naquele mesmo instante, no extremo norte da praça, um jovem oficial do Exército Vermelho subia os degraus do Bolshoi, perdendo a primeira meia hora da apresentação da noite.

O Conde sorriu ao se lembrar de sua própria preferência juvenil por chegar *entr'acte*. No Clube Inglês, após reiterar que poderia ficar só para mais um drinque, ficava para mais três. Em seguida, embarcando rapidamente na carruagem a sua espera, ele disparava pela cidade, saltava os lendários degraus e, como esse jovem cavaleiro, atravessava as portas douradas. Enquanto as bailarinas dançavam graciosamente por todo o palco, o Conde sussurrava seus *excusez-moi*, dirigindo-se ao seu assento habitual na vigésima fileira, com vista privilegiada para as damas nos camarotes.

Chegar atrasado, pensou o Conde com um suspiro. Que requinte da juventude.

Então deu meia-volta e começou a andar pelos seus aposentos. Primeiro, admirou as grandes dimensões do salão e os dois lustres. Admirou os painéis

pintados da pequena sala de jantar e os elaborados mecanismos de latão que permitiam fixar as portas duplas do quarto. Em suma, avaliou o interior tal qual um comprador em potencial que estivesse vendo os cômodos pela primeira vez. Quando chegou ao quarto, o Conde parou diante da mesa com tampo de mármore, sobre a qual havia uma variedade de artigos curiosos. Dentre eles, pegou uma tesoura que fora objeto de apreço de sua irmã. Em forma de garça, com as longas lâminas prateadas representando o bico do pássaro e o pequeno parafuso de ouro no pivô representando seu olho, a tesoura era tão delicada que ele mal conseguia encaixar o polegar e o indicador nos anéis.

Olhando de uma extremidade do apartamento para a outra, o Conde fez um rápido inventário de tudo o que ficaria para trás. Objetos pessoais, mobiliário e *objets d'art* que ele havia trazido para a suíte quatro anos antes já eram o cômputo de uma grande filtragem, pois quando os rumores sobre a execução do tsar chegaram ao Conde, ele partira de Paris imediatamente. Ao longo de vinte dias, atravessara seis nações e contornara oito batalhões que lutavam sob cinco bandeiras diferentes, chegando enfim a Idlehour no dia 7 de agosto de 1918, com nada além de uma mochila nas costas. Embora ele houvesse encontrado a região rural à beira de uma convulsão e a família muito angustiada, sua avó, a Condessa, não tinha perdido a compostura que lhe era característica.

— Sacha, que bom você ter vindo — disse ela sem se erguer da cadeira. — Deve estar faminto. Acompanhe-me no chá.

Quando o neto explicou por que a avó precisava sair do país com urgência e descreveu os preparativos que tinha feito para a travessia, a Condessa compreendeu que não havia alternativa. Entendeu que, embora todos os criados a seu serviço estivessem dispostos a se juntar a ela, deveria viajar com dois. Também entendeu por que seu neto e único herdeiro, que ela havia criado desde os dez anos, não a acompanharia.

Com apenas sete anos, o Conde fora derrotado de forma tão vexatória por um vizinho em uma partida de damas que, supostamente, derramara uma lágrima, proferira um palavrão, e as peças do jogo foram espalhadas pelo piso. Essa falta de espírito esportivo levou a uma dura repreensão por parte do pai, que o obrigou a ir para a cama sem jantar. Mas, enquanto o jovem Conde em suplício se agarrava a sua coberta, recebeu a visita da avó. Sentada ao pé da cama, a Condessa expressou uma dose de compaixão:

— Não há nada de agradável que possa ser dito sobre a derrota, e o menino Obolenski é mesmo um purgante. Mas, Sacha, meu querido, por que afinal você lhe daria esse prazer?

Foi com esse ânimo que ele e sua avó se separaram sem lágrimas nas docas em Peterhof. O Conde voltou então à propriedade da família para administrar o fechamento do imóvel.

Seguiu-se logo com a varredura das chaminés, o esvaziamento das despensas e o recobrimento do mobiliário. Era como se a família estivesse voltando a São Petersburgo para a temporada de eventos sociais, exceto pelos cães, que foram soltos dos canis, pelos cavalos, liberados dos estábulos, e pelos criados, dispensados de seus deveres. Depois de ter enchido uma única carruagem com alguns dos melhores móveis dos Rostov, o Conde passou a tranca nas portas e partiu para Moscou.

É engraçado, refletiu agora, pronto para deixar a suíte. Desde a mais tenra idade, devemos aprender a dizer adeus a amigos e família. Nós nos despedimos de nossos pais e irmãos na estação; visitamos primos, frequentamos escolas, entramos no regimento; casamo-nos ou viajamos para o exterior. É parte da experiência humana segurar um bom companheiro pelo ombro e lhe desejar tudo de bom, encontrando conforto na ideia de que teremos notícia dele em breve.

Mas é menos provável que a experiência nos ensine a dizer *adieu* a nossos pertences mais queridos. E se nos ensinasse? Não acolheríamos bem a lição. Porque, no fim, mantemos nossos pertences mais próximos do que nossos amigos. Nós os carregamos de um lugar para outro, muitas vezes com consideráveis despesas e inconvenientes; espanamos e polimos suas superfícies e repreendemos as crianças por brincar muito perto deles — o tempo todo, permitindo que as memórias os invistam de mais e mais importância. Esse armário, tendemos a recordar, é o mesmo em que nos escondíamos quando pequenos; e eram esses os candelabros de prata alinhados em nossa mesa na noite de Natal; e foi com esse lenço que ela uma vez secou suas lágrimas, *et cetera*, *et cetera*. Até acreditarmos que esses pertences cuidadosamente preservados podem nos transmitir consolo genuíno diante de um companheiro perdido.

Mas, é claro, uma coisa é apenas uma coisa.

E assim, deslizando as tesouras da irmã para dentro do bolso, o Conde olhou mais uma vez para as relíquias que restavam e depois as apagou para sempre de seu coração partido.



Uma hora mais tarde, após quicar duas vezes em seu colchão para identificar a nota musical de suas molas (sol sustenido), o Conde examinou os móveis que tinham sido empilhados em torno dele e se lembrou de que, ainda jovem, tinha ansiado por viagens de navio a vapor para a França e de trem noturno para Moscou.

E por que ele desejava aquelas viagens em específico?

Porque suas cabines eram muito pequenas!

Que maravilha tinha sido descobrir a mesa retrátil que sumia de vista; e as gavetas embutidas na base da cama; e, na parede, as luminárias fixadas cujo tamanho era suficiente para iluminar apenas uma página. Essa eficiência no design era como música para sua mente jovem. Ela atestava um propósito minucioso e a promessa de aventura. Pois assim devia ser o alojamento do Capitão Nemo ao percorrer vinte mil léguas submarinas. E que menino com o mínimo de ímpeto não trocaria de bom grado cem noites em um palácio por uma a bordo do *Nautilus*?

Bem. Por fim, ali estava ele.

Além disso, com metade dos quartos no segundo andar temporariamente requisitados pelos bolcheviques para a datilografia incansável de diretrizes, pelo menos no sexto andar um homem podia ouvir os próprios pensamentos.*

O Conde se levantou e bateu a cabeça no declive do teto.

— Muito bem — disse.

Após deslocar lentamente para o lado uma das cadeiras de espaldar alto e mover os abajures de elefante para a cama, o Conde abriu o baú de viagem. Primeiro, pegou a fotografia da Delegação e a pôs na mesa, onde era seu lugar. Então apanhou as duas garrafas de conhaque e o relógio de badalada dupla que pertencera ao pai. Mas, quando tirou o binóculo de ópera de sua

* De fato, foi nos aposentos imediatamente abaixo da suíte do Conde que Iakov Sverdlov, o primeiro presidente do Congresso dos Soviéticos de Toda a Rússia, trancara o comitê de redação constitucional — asseverando que não devolveria a chave até que terminassem seu trabalho. Assim, as máquinas de escrever estrepitaram por toda a noite, até que aquele documento histórico tivesse sido elaborado, garantindo a todos os russos a liberdade de consciência (Artigo 13), a liberdade de expressão (Artigo 14), a liberdade de organização (Artigo 15) e a liberdade de ter qualquer um desses direitos revogados se fossem “utilizados em detrimento da revolução socialista” (Artigo 23)!

avó e o colocou sobre a mesa, um tremor chamou sua atenção para a lucarna. Embora a janela fosse do tamanho de um convite para um jantar, o Conde conseguiu ver que um pombo tinha pousado do lado de fora, no cobre lascado das beiradas.

— Ora, olá — cumprimentou o Conde. — Que gentileza sua passar por aqui.

O pombo olhou para trás com um ar decididamente de proprietário. Então arranhou o rufo com suas garras e investiu o bico contra a janela várias vezes em rápida sequência.

— Ah, sim — admitiu o Conde. — O que você diz faz sentido.

Estava a ponto de explicar a seu novo vizinho a causa de sua chegada inesperada quando do corredor soou um delicado pigarrear. Sem se virar, o Conde soube que era Andrei, o *maître* do Boiarski, pois essa era sua interrupção característica.

Assentindo para o pombo uma vez, para indicar que retomariam a conversa dentro em breve, o Conde abotoou o casaco e descobriu, ao se virar, que não era somente Andrei a prestar uma visita: três membros da equipe do hotel estavam amontoados à porta.

Andrei, de compostura perfeita e mãos esguias e prudentes; Vasili, o inimitável porteiro do hotel; e Marina, o deleite tímido com um olho errante, a qual recentemente fora promovida de camareira a costureira. Os três exibiam a mesma expressão confusa que o Conde tinha notado no rosto de Arkadi e de Valentina algumas horas antes, e ele finalmente percebeu: quando fora arrastado naquela manhã, todos presumiram que ele nunca voltaria. Ele emergira pelos muros do Kremlin como um avião surgido dos destroços de um acidente.

— Meus queridos amigos, sem dúvida vocês estão curiosos sobre os acontecimentos do dia — disse o Conde. — Como devem saber, fui convidado ao Kremlin para um *tête-à-tête*. Lá, vários oficiais do atual regime, todos devidamente com suas barbichas, determinaram que, pelo crime de ter nascido aristocrata, eu deveria ser condenado a passar o resto dos meus dias... neste hotel.

Em resposta aos aplausos, o Conde apertou as mãos dos seus visitantes, um a um, expressando o apreço pelo companheirismo deles e lhes dirigindo seus sinceros agradecimentos.

— Entrem, entrem — convidou ele.

Juntos, os três funcionários se espremeram por entre as torres vacilantes de móveis.

— Pode fazer a gentileza? — solicitou o Conde, entregando a Andrei uma das garrafas de conhaque.

Então ele se ajoelhou diante do Embaixador, soltou os fechos e o abriu como um livro gigante. Cuidadosamente guardados ali dentro estavam 52 copos — ou, mais precisamente, 26 *pares* de copos —, cada um deles moldado para seu propósito, desde o grandioso bojo da taça de Borgonha até aqueles charmosos cálices pequenos, projetados para os licores de cores vivas do sul europeu. No espírito do momento, o Conde apanhou quatro copos ao acaso e os distribuiu, enquanto Andrei, que havia tirado a rolha da garrafa, fazia as honras.

Uma vez que seus convidados estavam com o conhaque na mão, o Conde ergueu a taça às alturas.

— Ao Metropol — brindou ele.

— Ao Metropol! — responderam os outros.

Ele era uma espécie de anfitrião nato e, no transcorrer da hora, enquanto enchia um copo aqui e incitava uma conversa ali, tinha uma consciência instintiva de todos os ânimos na sala. Apesar da formalidade adequada à sua posição, nessa noite Andrei exibia sorrisos com presteza e uma piscadela ocasional. Vasili, que falava com precisão aguda ao indicar os caminhos para os pontos turísticos da cidade, de repente ganhou a cadência de quem poderia ou não se lembrar amanhã do que dissera hoje. E, a cada gracejo, a tímida Marina se permitia rir sem cobrir os lábios com a mão.

Dentre todas as noites, nessa o Conde apreciou profundamente o alto-
-astral deles. Mas não era tão vaidoso a ponto de imaginar que isso se baseava apenas na notícia de que ele escapara por um triz. Pois, como sabia melhor do que a maioria, fora em setembro de 1905 que os membros da Delegação assinaram o Tratado de Portsmouth para acabar com a Guerra Russo-Japonesa. Nos dezessete anos que se sucederam desde a fabricação dessa paz — quase uma geração —, a Rússia havia sofrido uma guerra mundial, uma guerra civil, dois períodos de fome e o chamado Terror Vermelho. Em suma, tinha sido uma era difícil que não poupava ninguém. Independentemente de as tendências de alguém serem de direita ou de esquerda, em Vermelho ou Branco, ou de suas circunstâncias pessoais terem mudado para melhor ou para pior, certamente era tempo de beber à saúde da nação.



Às dez horas, o Conde acompanhou seus convidados até o campanário e lhes desejou boa-noite com a mesma cerimônia que teria demonstrado na porta da residência de sua família em São Petersburgo. Voltando ao alojamento, abriu a janela (embora tivesse o tamanho de um mero selo postal), serviu-se de um último conhaque e sentou-se à mesa secretária.

Construída na Paris de Luís XVI, com os realces dourados e o tampo de couro da época, a mesa tinha sido deixada ao Conde por seu padrinho, o Grão-Duque Demidov. Homem de grandes costeletas brancas, olhos azul-claros e dragonas douradas, o Grão-Duque falava quatro línguas e lia seis. Jamais casou, representou seu país em Portsmouth, geriu três propriedades e geralmente prezava a diligência em detrimento da leviandade. Mas, acima de tudo, ele tinha servido ao lado do pai do Conde como um cadete um pouco imprudente na cavalaria. Assim, o Grão-Duque tornou-se o guardião do Conde. E quando, em 1900, seus pais sucumbiram à cólera com poucas horas entre suas mortes, o Grão-Duque puxou o jovem Conde à parte e explicou que ele deveria ser forte por causa de sua irmã, que a adversidade se apresenta de muitas formas e que, se um homem não dominar suas circunstâncias, ele é dominado por elas.

O Conde passou a mão sobre as endentações na superfície da mesa.

Quantas das palavras do Grão-Duque aqueles sulcos rasos refletiam? Ali, por mais de quarenta anos, foram escritas instruções concisas para zeladores; argumentos persuasivos para estadistas; conselhos primorosos para os amigos. Em outras palavras, era uma mesa que não devia ser subestimada.

Após esvaziar o copo, o Conde empurrou a cadeira e sentou-se no chão. Correu a mão pela parte de trás da perna direita anterior da mesa até encontrar a lingueta. Quando a pressionou, uma porta de emendas imperceptíveis se abriu e revelou um buraco revestido de veludo que, como as cavidades nas outras três pernas, estava abarrotado de peças de ouro.